

A ASSINATURA DAS COISAS

SANTAELLA, Lúcia. *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, 216 p.

Josivan Antonio do Nascimento¹

Em *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*, publicado em 1992 pela editora Imago, no Rio de Janeiro, Santaella explora ao longo de 216 páginas, distribuídas em 8 capítulos, uma proveitosa discussão sobre a Semiótica peirceana e os desdobramentos dessa teoria na Literatura. Como postula logo na nota prévia, não é de se esperar, pelo título, que o livro faça uma análise de obras literárias pelo viés da semiótica americana, mas que demonstre os seus delineamentos teóricos e como essas ferramentas podem contribuir para o quadro da pesquisa literária.

Maria Lucia Santaella Braga, mais conhecida no meio acadêmico por Lucia Santaella, é um dos grandes, senão o maior, nomes divulgador da semiótica americana (desenvolvida por Charles Sanders Peirce) no Brasil. É professora titular da PUC/SP com doutorado em Teoria Literária na PUC/SP (1973) e livre-docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP (1993). Santaella, com produção ativa desde 1980 até a atualidade, conta com mais de 40 livros e centenas de artigos publicados, além de ganhadora de mais de 15 prêmios.

Santaella começa a obra abordando o propósito do livro que é tomar a arquitetura filosófica peirceana — considerando a classificação das ciências — como procedimento que devem ser ocupados “[...] pela teoria, a crítica e o fazer literário, assim como as modalidades heurísticas, as de divulgação e as aplicadas da

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: <josivnascimento@outlook.com>

teoria literária, incluindo os níveis monológico (teorético), classificatório e descritivo ou explanatório dessa mesma teoria” (p. 26). Embora o título enseje uma abordagem entre Semiótica e Literatura, não é essa sensação que a leitura revela: Santaella dedica os 6 primeiros capítulos (quase o livro inteiro) apenas às contribuições teóricas de Peirce, além de vários aspectos biográficos.

Nesses capítulos mencionados (1-6) — antes de falar de Literatura —, a obra resgata grande parte do percurso lógico, filosófico e teórico de um modo geral de Charles Peirce. Primeiro é questionado como este teórico, com seu engajamento lógico-formal, poderia contribuir para os estudos literários. Todavia, o livro afirma que Charles Peirce, como também seu pai, Benjamin Peirce, tinha grande apego a obras literárias, tendo inclusive escrito “num único dia” uma novela intitulada *Thessalian Topography: a traveller’s tale* [*Topografia Tessaliana: o conto de um viajante*] (80 p.) (p. 20). Entretanto, talvez por pender mais à Semiótica, não deixou um trabalho que lhe pudesse garantir reputação de bom literato tanto em teoria como em prática.

A longa abordagem começa explicando que Peirce concebia a Lógica como uma ciência que abarca todas as espécies de signos. Suas ideias não foram bem recebidas, como se percebe nas correspondências que manteve com Lady Welby e Josiah Royce, únicos interlocutores de Peirce sobre suas especulações semióticas. Provável seja que essa lacuna interlocutória tenha contribuído para que Peirce passasse despercebido por muito tempo, tanto em vida como após sua morte. Foi a partir da palavra Semiótica que seus escritos começaram a despertar interesses por filósofos e demais pesquisadores. Santaella defende que, com o acelerado desenvolvimento de estudos semióticos nas décadas 60 e 70 em diversos campos do conhecimento, a Semiótica de Peirce se destaca das demais pelo fato de apresentar uma abordagem mais geral sobre os signos, e não de maneira reduzido como as outras. No entanto, a maneira cronologicamente desorganizada como foram publicados alguns de seus escritos fez com que sua obra precisasse ser resgatada e criticada a partir de programas como, entre vários, o *Peirce Edition Project*

(na Universidade de Indiana, nos EUA), que tem contribuído para a divulgação de seus escritos em ordem cronológica.

Outro aspecto enfatizado no livro é o apontamento de uma vasta bibliografia de estudos envolvendo a Semiótica peirceana e a Literatura. Embora focando na linguagem, Santaella cita Jakobson como um dos principais nomes a iniciar essa jornada estudando os signos icônicos, indiciais e simbólicos. No Brasil, Décio Pignatari é citado com a obra *Semiótica e Literatura* (1974) como pioneiro na relação entre essas duas áreas. Nos Estados Unidos, esse estudo surge com John K. Sheriff e, na Dinamarca, com Jorgen Dines Johansen. E no contexto filosófico-contextual, destaca-se Joel Weinsbeimer. A lista se estende na medida em que são citados nomes que abarcam em seus estudos a Semiótica peirciana no campo da Literatura, da Tradução, da metáfora, da abdução (possível de superar a tríade referente ao objeto) e criatividade artística, por exemplo.

Santaella destaca que a semiótica peirciana não é uma ciência aplicada, nem especializada, mas formal e abstrata. Mesmo tendo origens desde os gregos antigos, a Semiótica, com ênfase a partir da segunda metade do século XX, tem sido discutida indefinitivamente se ela “[...] é uma teoria ou método, uma disciplina ou enfoque interdisciplinar, um ponto de vista metateórico ou uma arte” (SANTAELLA, 1992, p. 44). O confronto ou aplicação de teorias semióticas nas diversas áreas do conhecimento faz com que a própria semiótica ganhe um nova roupagem e assuma novos vieses de concepção dos signos conforme seu campo de aplicação, como no Direito, nas Artes, na Medicina, na Química, na Sociologia e assim por diante. Isso só se torna possível pelo fato de o signo possuir a capacidade de se desenvolver: “os símbolos crescem” (PEIRCE, 2010, p. 71). A semiótica peirceana é tanto “[...] geral e abstrata a ponto de poder dar conta de qualquer processo sógnico, esteja ele no invisível mundo físico microscópico ou no universo cosmológico, esteja ele nas interações celulares ou nos movimentos político-sociais” (SANTAELLA, 1992, p. 46-7). Certamente, embora Santaella não descreva isso como algo positivo, é esse o caráter que oferece subsídios para a formação de

diversas semióticas aplicadas, como a zoo semiótica, ecossemiótica entre tantas outras votadas ora para a linguagem ou para a cultura de um modo geral, como acontece com a Semiótica Russa.

Santaella (*ibid.* p. 49-51) concebe o caráter geral da semiótica peirceana a partir de três hipóteses: primeira, uma Semiótica geral, capaz de analisar os signos como “fundação geral”; segunda, a arquitetura filosófica peirceana que constitui o pensamento científico, uma “fundação fenomenológica, ontológica e epistemológica”; terceira, o sinequismo como semiose contínua do signo e “falibilismo objetivado”. Mesmo com essa dimensão teórica, certos filósofos e semioticistas, com exceções, não têm demonstrado certo interesse diante dessa teoria.

Santaella descreve que, por parte dos filósofos, a semiótica pertence a um campo periférico da filosofia. Considerando esse posicionamento, percebe-se que os filósofos tendem a “[...] confundir o movimento da Semiótica no mundo apenas como as tendências das Semióticas regionais e aplicadas [semióticas descritivas]”, o que contribui para essa marginalização (*ibid.* p. 52). Pois os campos específicos dessas semióticas não são objetos da filosofia. Por outro lado, os semioticistas concebem a filosofia como periférica à semiótica em função de ela ser “[...] geral, abstrata e desligada das preocupações práticas que afetam a Semiótica” (*ibid.* p. 54). Neste caso, os semioticistas buscam na semiótica peirceana um apanhado teórico parcial para suas disciplinas específicas menosprezando o todo. Santaella critica essa postura principalmente pelo fato de provocar um reducionismo da obra de Peirce. O mesmo tem acontecido com muitos estudos de crítica literária onde são aplicados certos aspectos da semiótica peirceana a um determinado objeto literário. Faz-se um recorte da teoria sem ter o conhecimento do conjunto teórico que sustenta o recorte feito. Cada disciplina, para compreender certos fenômenos de seu interesse, procura na Semiótica formal apenas o que é necessário para elucidar seu objeto e despreza, dessa maneira, o restante que não a interessa. E com a era atual das especialidades, a tendência é piorar a situação.

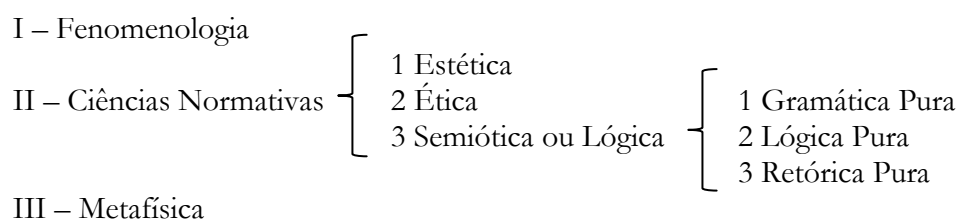
Ainda sobre os aspectos biográficos, Santaella destaca que, mesmo tendo passado longos anos estudando Química, Biologia... (quando trabalhou na *Coast Survey* até 1891), Peirce jamais desenvolveu pelas outras ciências a mesma dedicação que deu à Lógica. A partir daí, sua vida produtiva intelectual se inicia através das atividades que desenvolvia como meio de vida e do período em que se aprofundou nos estudos de várias áreas para compreender sua Lógica e validar, metametodicamente, essa teoria. Essa Lógica da ciência, como concebia Peirce, é atualmente entendida como História da ciência e Filosofia da ciência. A Lógica passou a ser entendida como lógica matemática e “dedutiva em forma algébrica” (SANTAELLA, 1992, p. 66). A partir de aulas e conferências em universidades, Peirce começa a elaborar textos que mais tarde constituiriam suas categorias triádicas dentro de seu Pragmatismo. Maior ênfase a estes estudos é dada quando Peirce se afasta de Aristóteles (cuja lógica enfatizava a gramática grega) e Kant (por causa de uma falácia em sua lógica) e volta-se para Hegel. Disso resulta a tríade da Qualidade, Relação e Representação, que correspondem às categorias de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, respectivamente. Em vários trechos, Santaella foca em esclarecer outros conceitos das categorias cenopitagóricas peirceanas (várias classes de signos). Ademais, são citadas também as tríades no raciocínio: dedução (símbolo), indução (índice), hipótese (indução abdutiva, ícone) — depois ordenadas por abdução, dedução e indução. Por economia de espaço, esses conceitos não são demonstrados aqui em seus pormenores.

Salienta-se, além disso, a ideia de semiose proposta por Peirce, que a concebia como [...] *an action, or influence, which is, or involves, a cooperation of three subjects, such as a sign, its object, and its interpretant, this tri-relative influence not being in any way resolvable into actions between pairs* (PEIRCE, CP 5.484, grifo do autor)². A semiose é os signos em semiose, que pode ser melhor entendida a partir do conceito de signo proposto por Peirce: “qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu

² “[...] uma ação, ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação de três sujeitos, tais como um signo, o seu objeto e o seu interpretante, esta influência tri-relativa não sendo de modo algum resolvível em ações entre pares” (Tradução nossa).

interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu *objeto*) de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*” (PEIRCE, 2010, p. 74). Neste sentido, percebe-se que há, de um lado, um signo, e, de outro, uma coisa operando um sobre o outro por mediação de um pensamento ou lei que determina em que sentido ou circunstância o signo representa a coisa. A semiose é o Signo e seu Objeto em movimento contínuo.

No que concerne à classificação das ciências proposta por Peirce, nota-se certa fragmentação entre as ciências, hoje acentuada pelas especialidades conforme cada objeto de conhecimento. Assim também funciona a Literatura por absorver de outras ciências ferramentas que elucidam o fenômeno da arte enquanto criação e objeto de estudos críticos. Para Peirce, a ciência é viva. Ela se desenvolve e se classifica conforme a operação de suas estruturas. Dessa forma, Peirce cita que há três tipos de homens: o que cria a arte, o que tem sede de poder e o que tem sede de razão. Nesse momento, Santaella faz um pequeno esboço da divisão das ciências desenvolvidas por Peirce. Tem-se a seguir, adaptado de outra obra de Santaella (*O que é Semiótica*, 2007, p. 27) um esquema mais detalhado do que seria essa divisão das ciências para melhor compreender a localização da Lógica ou Semiótica neste espaço:



Como é mostrado no esquema, a Semiótica geral ou formal, que abarca todas as espécies de signos e formas de linguagem, se divide em três partes: “a segunda [Lógica Pura] pressupondo a primeira [Gramática Pura] e terceira [Retórica Pura] pressupondo a segunda” (*id.* 1992, p. 134-135). A Gramática Pura, também chamada Gramática especulativa, é a parte da Semiótica que estuda a “fisiologia dos

signos” (PEIRCE, CP 2.85, *apud* SANTAELLA, 1992, p. 135). A Lógica Pura ou Lógica Crítica apresenta uma crítica que começa onde termina a da gramática especulativa. É a teoria unificada da tríade do raciocínio. Por fim, a Retórica Pura [especulativa] ou Metodêutica examina a função do signo de se tornar eficiente. A partir daí, percebe-se que o grande sonho de Peirce era apresentar uma proposta teórica formal e geral que se aplicasse a todas as áreas do conhecimento.

Entrando nos dois últimos capítulos sobre o espaço da Semiótica na Literatura, Santaella revela que à época de Peirce a Literatura se resumia à crítica literária, que pertencia às ciências explanatórias ou descritivas. Atualmente, a ideia de Literatura não está mais associada apenas à criação da arte, mas ao avanço de seus processos críticos e dos meios de divulgação tanto da obra de arte como da própria crítica. Daí tem-se a concepção de lixo ao examinar grande parte do que se produz e critica hoje em dia. Certamente esse meio de divulgação é o que tem fomentado essa visão periférica de arte e crítica.

A presença da Semiótica na Literatura, segundo Santaella, se manifesta através de vários aspectos dentro da proposta crítica de abordagem do fenômeno literário, seja como arte, seja como um mecanismo de apropriação de determinadas formas de conhecimento e influências dessas ferramentas no meio onde são produzidas. A saber, existe forte influência de estudos fenomenológicos na obra literária, questões filosóficas. Entretanto, a grande falha ocorre em função de os estudos críticos enfatizarem apenas os signos produzidos pela Literatura. Isso soa óbvio pelo fato de todas as áreas do conhecimento lidar com signos, ora tratados como ícones, índices ou símbolos. Esse aspecto é o grande alvo da crítica levantada por Santaella.

Como proposta que abrangem uma perspectiva além dessa margem, Santaella incita que é necessário transbordar esse universo e ampliar os horizontes de percepção semiótica do fenômeno literário. É preciso que se evada desse círculo simbólico que resume a Semiótica como uma ciência que se fala de signos. É

preciso imergir na sua Lógica formal e geral, nas questões metafísicas, na sua fenomenologia.

É partir desse conjunto de informações, críticas, comentários e relações inter e transdisciplinares que se constrói uma visão mais ampla e acurada do objeto. É assim que a obra literária põe em movimento as teorias numa *semiosis ad infinitum*.

REFERÊNCIAS

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto; 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 46; dirigida por J. Guinsburg)

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. C. Hartshorne, P. Weiss (vols. 1-6); A. W. Burks (vols. 7-8) (eds). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. 8 vols.

SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 103)

SANTAELLA, Lúcia. *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.